

Opereola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—
 Semestre 250 reis
 Com estampilha 300 reis
 vulso. 30 reis
 Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
 Composição e Impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello
 REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
 ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

Ingratidão e arrependimento

No tempo em que o morangueiro dava fructo de côr immutavelmente branca, aconteceu nascer um dia um pé junto d'uma pequena romanzeira, n'uma primavera cheia de bom sol.

Passou por ali um homem, viu a pequenina arvore e disse:

—«Que linda romanzeira! mas a secca dá conta d'ella. Deixa-me regala».

E deu-lhe agua no pé, a qual beneficiou ao morangueiro, quasi estiolado. Passadas semanas voltou ali o homem. A romanzeira avigorara-se e estendera mais os seus braços cheios de virente folhagem. O morangueiro apresentava os seus primeiros fructos. Colheu alguns, passou a mão por sobre as folhas da romanzeira, regou-a novamente e foi-se embora, despedindo-se do morangueiro com um olhar de sympathia.

Uma linda noite de luar, o morangueiro, recordando esse facto, disse todo encho:

—«Aquelle homem gosta mais de mim do que de ti.»

A romanzeira que sabia perfeitamente que era só por amor d'ella que o homem ali vinha, calou-se.

—«Tu és uma secca e uma desagradecida: ainda lhe não d'este uma romã.»

E a romanzeira sempre calava.

—«Elle não te liga, importancia. Se vem cá, é por amor de mim sómente»

Não reparaste como da outra vez me lançou um olhar d'amor? Eu tambem quando elle chega estendo-lhe logo os meus braços e afago-lhe os pés com as minhas mãos de folhas. E de ti, que lhe não merecessympathia nenhuma, nem se despede.»

A romanzeira ouviu e não disse nada.

—«Se fosse eu a elle cortava-te, porque só serves... para me fazer sombra.»

Do lado do nascente da romanzeira, erguia-se um tronco d'arvore secca, bracejando suas rancas nuas de folhagem. E disse consigo o morangueiro:

—«Vou-me enroscar n'aquelle tronco, pendurar-me n'aquellas rancas seccas.

Todos verão assim a minha linda folhagem e os meus bellos fructos brancos. E todos saberão que a minha exuberante vida não depende d'aquelle romanzeira esteril, ou quando muito de fructos detestaveis.»

E assim fez. Subiu à arvore secca, cobriu-a com a sua verdura e todo o seu gosto era agora, assim erguido, projectar sombra sobre a romanzeira.

Volvidos dias, voltou o homem e percebeu logo o fito do desprezível morangueiro.

—«Pessima planta!»—diz elle irado, os teus fructos apparentam de bons, mas são ocos e ás vezes amargos por dentro. Os da romanzeira são o contrario: cheios de doçura por dentro, embora por fóra amargosos. Procura dar-lhe morte com a tua sombra, como a manceilha,

quando deve tudo o que és a ella, só a ella. Se não fosse por ter dó de ti...»

O morangueiro cahindo então em si, tremeu, tremeu de susto perante a sua ingratitude e vaidade, desenroscou-se da arvore, estirou-se pelo chão e foi rubro de vergonha pedir perdão aos pés da romanzeira, que lhe perdoou n'um sorrir de commiserção de seus fructos.

Allegoria rarissima realisada entre os homens.

MARCELLO

CARTAS

IX

Aos rapazes vareiros

Illustres moços:

V.ºs são a rapasiada mais macambuzia do mundo.

Não têm nervos, alma e alegria. Não sabem rir, cantar, estafando a mocidade em arremetidas d'amor e escandalo, quebrando a gargalhadas de troça, d'irreverencia e audacia a paz bofarenta d'esta villa fanatica, apirangada e egoista.

São a velhice travestida de folia, caiada de pierrot em cueiros, flauteando umas graçolas muito pifias, muito coçadas, a cabreolar o reumatico e as dores das cruces, na ancia febril de reviver uns annos passados a trapacear e a mentir.

Falta-lhes a originalidade e o espirito, sendo os eternos snobs das novenas do S. dos Passos e dos portaes do Cerveira. Por ali lhes ficam os melhores bocados de tempo, as melhores phrases

repuxadas da mioleira ingrata, n'um vomito exquisito d'ignorancia e desleixo. Para isso é a melhor gravata, a mais afiamburada vestia, a bota mais torturante d'uns desalmados callos, porque é preciso não escandalisar, não dar nas vistas, porque ha bocas alviçareiras que bacorejam infamias torpes.

Aos domingos, lavado protocoladamente o cachão e posto o collarinho d'um polimento duvidoso, moem V.ºs as horas na estroinice d'uma magra partida de bilhar e no regabofe d'um passeio pela Arruella, pelo Casal, muito tesos da fama de bons meninos, *incelentes* creaturas, em soalheiros pilhosos de velhas beatas esgruviadas.

São V.ºs os eternos figurinos da boa educação, os galerianos do livro do padre Felix, os aspirantes cotados p'ra casamentos chorudos, d'arregaçar o olho, com retumbancias nas gazetas. Não lhes invejo a sorte...

A «Fole e Gaita» morreu n'uma lenta agonia de desespero e risos e V.ºs não souberam receber, guardar a gloria que lhe doirou a fronte em tantas noites de triumphos, continuando, honrando essas tradições bizarras, formidaveis, que foram o encanto, o legitimo orgulho da nossa terra.

Alguem fundou um dia um club sportivo, abrindo salas para o cavaco agradavel de rapazes sem manhas de politicagem mesquinha, sem odios baixos de magarefes poltrões e assassinaram-lhe essa medrosa tentativa de resurgimento e de vida, não fossem perter-se os tremoços d'uma estonada de fama.

A Misericordia, abandonada de boas vontades barrigudas e tediadas, grita por auxilio como as creanças choram pela Scott e pela Nestlé e V.ºs viram-lhe as costas n'um desdem fino e aristocratico, como se fosse um crime ou uma vergonha proteger uma rasgada obra altruista.

Tudo o que fór audacia, caminhar afuito p'ra deante, em V.ºs não acha incentivo, entusiasmo, collaboração, solidariedade.

Cada qual puxa para a sua

Handwritten notes and signatures:
 A. D. H. H. = ...
 Todos os meus...
 Ovar, 22 de Julho de 1909
 Manoel Alves Correia
 Francisco d'Oliveira Bello
 Francisco d'Oliveira Gomes



A Perola

banda, muito desconfiado, muito anão, não vão os outros saltar-lhe às cavalleiras, parodando-lhe a magestade do andar, a intelligencia da palra, a bizarría do cumprimento e dos bigodes, amarfanhando-lhe a heraldica póse do gesto e as flatulencias da basofia.

Cada qual cultiva a sua pessoa n'um desesperado carinho egoista, admirando-se nas dobras da propria sombra, aplaudindo-se nos echos remotos das proprias palavras.

Assim, n'este exgottante martyrio da notoriedade vão V.^{es} gastando as energias dos annos, emuchos da força que dá a consciencia do proprio valor.

Ser rapaz é saber rir e amar, demolindo carunchosos preconceitos a escaladas de troça, a punhadas d'irreverencia e sacrificios, que um beijo d'ama (1) bella mulher vale bem uma semana de cadeia e a vellice é a saudade do que se fez e até das indigestões que se soffreram.

A nossa terra, meus homens, carece de alviões de troça em mãos d'iconoclastas de tempera, que ha muito absurdo a demolir, que anda muito ridiculo a espalhar-se a este sol do Senhor. Vão pondo o rabo-leva na olheiranta Zeladora de S. Francisco de Salles e corram á batata empenachado mostrengos a arrotar a reclamo.

Fundem um club, uma tana; promovam festas de caridade e d'espírito, associem-se como irmãos, não se lembrem só do handrauí de S. Francisco, e deixem a pasmeira da Praça, que faz paça avantajada d'abbade colado.

A irreverencia é a vida, a autonomia do pensamento e da espinha, a força que dá o poder. Ser irreverente é ser rapaz.

Dêem aos velhos a solidariedade da fé e do entusiasmo e as vergastadas das satyras justas, para que elles se não encontrem sosinhos no descampado do mundo, para que não se empoleirem nos doirados d'uma gloriola de cartas de corrida. Façam da mocidade um carnaval eterno, que sobra muito tempo para se algapremarem, querendo-o—á honras d'um alto bandalhismo e á modestia burgesa de salafraios de S. Gonçalo.

Vamos, comece a rusga.

45—7—09.

JOÃO MADRIA.

(1) Aconselhamos a mocidade varetar a não seguir n'este ponto o que lhes encarece João Madria—Lembrem-se do mermelleiro... e da soletal—N. da B.

Ao Serão



(A' Chica)

Esse ideal formoso que di'isas
Nas espiraes d'um sonho transparente,
Que elle seja transformado em luz
E te illumine a vida eternamente!...

(A' Bertha)

Então, amai-vos, que tem?
Não fica mal a ninguem
Ter um amôr, ter paixão;
Para o amor fez Deus o mundo,
Vasto, immenso, profundo,
E para amar o coração.

(A' Eulalia)

A vida é tão tristonha, tão pesada,
Sem nada que nos prenda, sem amor
Sem o fogo d'um olhar que nos aquece!...

Amai-vos pois ó almas crystallinas
Almas feitas d'amôr á Luz d'aurora
E um só beijo vos prenda eternamente!...

Lina X. Castro Soares.

Petulancia!

A proposito do que nós aqui dissemos a respeito da ida para um convento d'uma rapariga do Salgueiral de Baixo (o que está averiguado ser falso—com jubilo rectificamos) veio alguém dar-nos conselhos, mania que contrahiu talvez de quando das celeberrimas lições a um crente, e insinuar petulantemente, que temos dito das ultimas do sr. padre da Fura! Atrevimento!

Destlealdade!

Não precisamos dos seus conselhos, creatura.

O cidadão costuma fazer um trabalho aporcalhado e prejudicial quando mette as gadanbas em seara crescida: arranca trigo e joio. Não os sabe distinguir um do outro. Ou então compraz-se com espectaculos de aridez e desolação. Em todo o caso, devastador.

Nós amamos, pelo contrario, a leiva sombreada, como boa mãe, de abundantes fructos; e quando a nossa mão por ali passa, só não

respeita a zizania e o escalracho, que afogam e devoram a boa sementeira.

Guarda lá, pois, o seu conselho e o seu odio... aos coios. São uma demasia para nós, que ainda nos não divorciamos do bom-senso...

Dapois, a sua auctoridade conselheiral sobre o assumpto, evaporou-se d'esde aquellas furibundas arreeiradas, que já escreveu contra o sr. padre da Fura, servindo-se da setta do odio ferino, em vez da penna cheia de serenidade e razões d'um homem, que pensa.

Não nos seduzem semelhantes processos de argumentar e combater.

Portanto, nem o seu exemplo, nem o seu conselho nos servem.

Quanto a termos dito as ultimas do sr. padre da Fura, queira provar.

Cremos bem que, quanto a isso, nem comparação pode soffrer, o que escrevemos, com o que o cidadão já babusou furioso.

De resto, só d'uma consciencia bem illumorada, afirmar que nós dissemos das ultimas d'um homem, a quem apenas, embora com uma certa vehemencia,

temos negado competencia para remetter levas de donzellas para recolhimentos e feito ver mui de fugida os inconvenientes de tal procedimento para as internadas e para a religião, sem fallar em congestões cerebraes d'algum liberangal

Repetimos, só d'uma consciencia bem illumorada... ou d'um nobre espirito de malsinador.

De ignorancia para comprehender o que lê, não o arguimos: temos escrupulo d'isso, pois talvez não seja a culpa do... cidadão, que é como quem diz, de Voce mecê.—Tratamento menos democratico, mas mais plebeu e comprehensivel. Ora o descarol!

MORGANHO.

Correio da casa

—*—

LINA X. CASTRO SOARES—Quem quer que seja agrada-nos muito a visita dos escriptos de V. Ex.^a

Não podemos occultar, porém, o grande interesse que temos em conhecer quem, sob o nome acima, tão distinctamente se nos dirige.

Por umas razões muito simples, a saber:

Conhecemos uma gentil menina dos seus 14 annos, homonima da nossa gentil correspondente. Será essa, a quem temos a honra de nos dirigir como nossa collaboradora?

Alguns cavalheiros... da industria de falsificar e abusar do nome alheio, têm-se nos apresentado com produções alheias, assignando-as com o nome de senhoras, que nós conhecemos perfeitamente!

E nas cartas, que junto remettem, pedem-nos em nome d'essas senhoras a publicação d'aquelles seus escriptos!...

Não estaremos nós e Lina X. Castro Soares sendo agora tambem victimas da indignidade de semelhantes creaturas?

Ha miseraveis para tudo... mas principalmente para falsificar assignaturas de senhoras respeitaveis, conscios da sua impunidade.

Rogamos, pois, a V. Ex.^a o obsequioso favor de nos esclarecer sobre o assumpto.

CHRONICA

No entanto ainda n'este numero como no antecedente, inserimos alguns versos da remessa que nos fez, pois temos forte presumpção de que não estejamos sendo logrados pelo cavalheirismo de espiritos graciosos: conhecemos pela imprensa de Lisboa algumas composições poeticas datadas da Gollegã por Lina X. Castro Soares, cuja feição é muito igual ás que publicamos com esse mesmo nome.

Porém, a certeza só V. Ex.^a nol-a poderá dar e dar, como pedimos e esperamos.

NOEMIA—Queira dar-nos algumas novas suas... iamós a dizer, do outro mundo, se já para lá abalou, mas a «Perola» fica muito aquem dos confins d'este, a tempo nos lembramos, para não cahirmos no... disparate, se monumental o não é já a bellissima construcção d'este arrevesado periodo.

Então? Jurou não mais fazer estampar nas columnas da «Perola» o seu nome, subcrevendo quinzenalmente um artigo?

As «Impressões» de Viana agradaram, e deram canceiras á curiosidade de muitos, que se mataram por saber de quem eram.

V. Ex.^a assim quiz, não as assignando. Mas nós, porque sabemos a muita consideração, que devemos aos nossos leitores, aqui declaramos pertencerem ellas a Noemia.

Agora se os nossos leitores ignoram quem seja... consultem o baralho, porque nada mais nos é licito escla-recer.

Ao sr. Dr. Lourenço d'Almeida Medeiros agradecemos as agradaveis referencias que ultimamente nos fez n'uma de suas cartas litterarias dirigidas ao sr. Theophilo Braga e dadas á estampa em um jornal de Ovar.

A muita auctoridade que lhe reconhecemos, como homem de letras, valorisa sobremaneira as suas boas palavras a nosso respeito, que vamos transcrever com a devida venia: «... «A Perola», jornal que se publica em Ovar do qual não conheço os redactores, nem sei quem são; redigido com bastante elegancia e muito conceituoso, merece que o animem e protejam.»

Muito obrigados.

E' extremamente delicioso sahir agora, n'estas manhãs quentes de julho, pelos campos verdes, onde frondejam os milharaes, e os pomares nos sorriem com seus fructos sazonados lourejantes e vermelhos.

E se a aldeia tem ali assento n'uma dispersão graciosa dos seus casaes e quinteiros, onde velhas arvores, tomando-se de vigorosa folhagem e remoçando em cada primavera, vivem em sentinella de seculos e a parreira se arma em docel suavissimo de abrigo e sombra, então augmenta muitissimo o peso, que a nossa alma experimenta sempre n'estas doces digressões matutinas.

Mas, se um coração, que, com o mesmo recato com que a violeta emite o seu perfume, nos ama, ou um amigo temos n'esse povoado, cujas habitações alvejam aqui e além, como que a espreitarem-se por entre a folhagem do arvoredo, um amigo que pela mão nos vai conduzir ao seio d'uma familia carinhosa, que surpresa de gratissimas impressões nos vem chocar então a alma n'aquillo, que ella tem de mais subtil e divinamente vibratil?!

Passeios assim hão de perdurar sempre entre o trescalar dos perfumes da saudade, lá muito para o diante, na nossa riminiscencia.

Experimentem e verão.

Continua.

ALFREDO



Secção charadistica

QUADRO D'HONRA



Joteba

Decifrações do n.º anterior:

1.º Safara; 2. Belverde; 4. Colodio; 5. marufo; 6. mão-tenente; 7. adua; 8. Livraria; 9. Cachimbo; 10. Hugo; 11. Duvalia; 12. angarilha; 13. Quicobequelababa; 14. Ladas-salda; 15. mimio nimio; 16. kara-arak; 17. aval ava; 18. akka-lakka; 19. major ajo; 20. Germano-Germana; 21. Quebra-quebro;

22. kan-kan; 23. Paladar-lapa; 24. alarme-aral, 25. aferir feia.

Decifradores:

Joteba todas.

Timbira os numeros seguintes:

1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25. Total 22.

Arnobio os seguintes numeros:

1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24 e 25. Total 21.

Dr. Misterio os numeros seguintes:

1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24 e 25. Total 20.

Odeveza os seguintes numeros:

1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24 e 25. Total 19.

E. de Souza os numeros seguintes:

1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24 e 25. Total 19.



CORREIO DE BORLA

Odeveza—Para a sua reclamação, sobre a eliminacão d'uma charada, ser attendida, queira indicar qual a geographia onde a encontrou.

Eu não encontro tanto na geographia Universal, como no dicionario encyclopedico, mas como nós andamos sempre a aprender, pôde ser que haja algum alfarrabio que eu ignoro, e indicando-o, essa charada será contada.

Tymbira—As suas n.ºs 11 e 13 ficam de remisa até provar que ajo, jabo, tube e Santo são filhas de Bam, e se existe a palavra Chica-bequelababa—Provando e indicando onde se encontrarão pode contar com ellas.

Dr. Misterio—V. E.^a d'esta

vez adormeceu! Naturalmente t'o mou algum narcotico, que tinha receitado para algum cliente... tambem lhe serão contadas as que lhe foram cortadas, se nos mostrar o terreno onde ellas vegetam!

Joteba—Recebi a sua cartinha que fica em consideração, mas creio que não era motivo para o classificarem de inepto! Que palavra tão feia! Uma pergunta, porque gosto de saber:

Em que lei se funda para dizer que as charadas invertidas, são só por letras e não por syllabas?

Então qualquer mortal não pode fazer um envertida por syllabas? Peço me diga, porque gosto d'apprender!

Porquinho—Pedimos desculpa de ainda esta vez não attendermos o seu pedido.

Como já lhe dissemos não damos preferencia a nenhuma charada, pelo menos para este concurso e sabe pelo que? Porque, faceis ou difficeis, já estão todas de escabechet. Quero dizer, já estão numeradas conferidas, e... até impressas!

Para o Concurso seguinte, esta secção passará a mãos, que só trabalharão do genero, e depois todas as vontades serão satisfeitas.

Arnobio—Tem razão, mas o mal que o aponta desapparecerá, logo que chegue de Paris o nosso encarregado d'esta secção. Desculpe!

A charada numero 3 fica fóra do concurso por não indicar o n.º de syllabas.

Ex.ºs Snrs. Eurico de Souza e Odeveza, d'ora-á-vante queiram mandar as suas decifrações muito mais cedo.

Se continuar assim não entram no concurso.

Em phrase

1 O ardor do phebeo dura a estancia d'uma ode 2 1

2 O dissimulo do soldado é sempre onde ha lapas 3 1

Barbas de Bagaço

3 O fanatico furor dos romeiros de Illeca está na moda por isso vão á mesquita 3 1

(Ao Pires Cardoso (Kardoso) futuro assig-nante d'este hom quinzenario)

4 No orgulho da povoação thyr-sense está uma arvore brasileira 1 2

Arnobio

A Perola

5 E' no terreno humido onde habitam os jacarés, na aldeia de indios Guarulhos 2 1

—*—

6 Esta doença dos falcões é muito frequente n'uma cidade da Italia 2 3

Rei Pum

==*

7 Muita fome tem o instrumento que tem a rapariga desavergonhada 2 1

—*—

8 Ha um instrumento cirurgico do paraizo que é semelhante ao ouriço 3 2

Carcosmor

—*—

9 E' adjectivo na musica este peixe 2 1

—*—

10 Serve para guardar o animal feroz na botanica 2 2

Califa

—*—

11 Em certo espaço de tempo calculado por estas medidas, teremos os obreiros de Vulcano dotados d'um olho só 2 1

—*—

12 O filho de Boreas está affectado d'um microbio, mas tal insecto tem uma vida ephemera 2 3

Pinheiro

—*—

13 Para onde levas a mulher? Para o Bairro 2 2

Republica

—*—

Charada dupla

14 Quem quer uma lampada por 15 reis? 2

Joteba

—*—

Transposta

15 E' moda ir á cathedral 2

Joteba

==*

Transpostas

16 N'um caminho encontrei este animal feroz 2

—*—

17 Aqui está um homem que, quando se critica, até se faz d'esta cor! 2

E. de Souza

—*—

Themesada

18 A oração não sei de que sitio parte, todavia quer-me parecer que é d'este mundo 2-2

Dr. Misterio

—*—

Metamorphose

19 Uma serra dos Carpathos almeja alcançar o perdão das camaras (D. B.)

Dr. Misterio

—*—

Electricas

20 A Ave está na pilha 2

—*—

21 O titulo dos turcos 2

Porquinho
Typographicos

A todos os charadistas

P

a

s

22 : : paiz ex s moeda nota

a

d

o

E E sus A G moeda 2

Odeveza

==*

U u U

Republica

Nova loja de fazendas

—*—

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crus, riscados, pannos patentee, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flannels d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'olgodão, guarda-soes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para a estação de verão em cazemiras e cheviores para factos d'homem, colletes de phantazi, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

—*—

As machinas de costura «Original» de *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—Americo Peixoto

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas qu se fabricam como na America.

Unico depositario em Ovar

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores—Ovar

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1

Quinta feira 22 de Julho de 1909

N.º (29)-15

Snr. _____